


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 60457
Título: Fóssil com 470 milhões de anos homenageia vinho do Porto					Temática: Generalista	GRP: 5.1
2006/09/10	PUBLICO – PRINCIPAL	Pág. 31	Imagem: 1/1		Periodicidade: Diária	Inv.: 2362.50

Fóssil com 470 milhões de anos homenageia vinho do Porto

Delgadocrinus oportovinum é considerado o equinoderme crinóide mais antigo da Península Ibérica

ANA CRISTINA PEREIRA

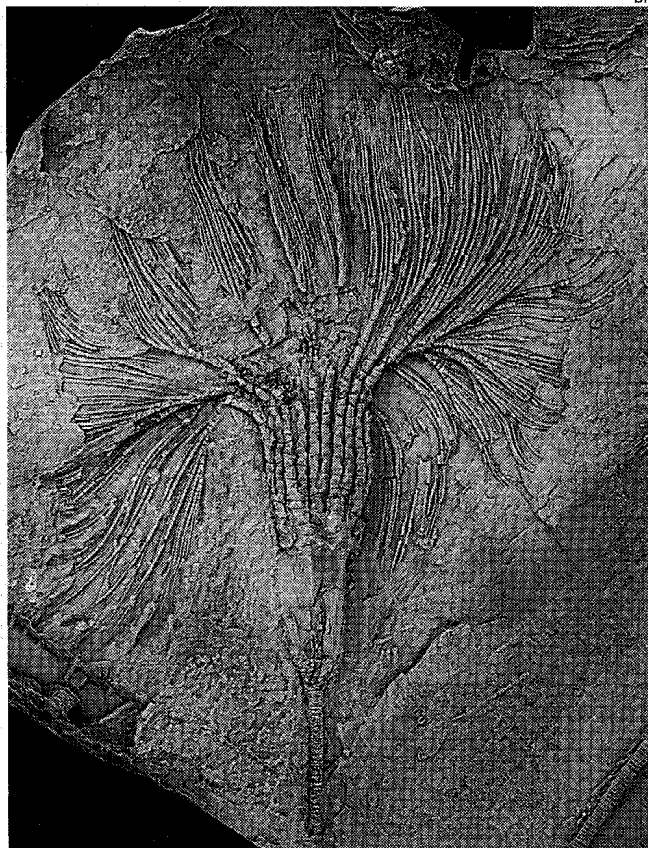
Parece um cálice densamente ramificado, mas é o fóssil de um invertebrado marinho com vinte braços, o equinoderme crinóide mais antigo da Península Ibérica. A apresentação pública foi feita ontem, véspera do aniversário da Região Demarcada do Douro, no Solar do Vinho do Porto, pela equipa de paleontólogos que o identificou.

Artur Abreu Sá, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Juan Carlos Gutiérrez-Marco, do Conselho Superior de Investigaciones Científicas (Espanha), e William Ausich, da Universidade Estatal de Ohio (EUA), identificaram o fóssil que corresponde a uma nova família, a um novo género e a uma nova espécie de crinóide. Chamaram-lhe *Delgadocrinus oportovinum*.

O fóssil pertence a um grupo de equinodermes primitivos com raros representantes actuais – os lírios do mar, que muitos zoólogos consideram “fósseis vivos”. O invertebrado viveu há 470 milhões de anos, num mar pouco profundo, cujos sedimentos originaram as montanhas de Valongo, distrito do Porto. “É três vezes mais velho do que os dinossauros”, salientou ontem, com entusiasmo, Artur Abreu Sá.

Falar no período Ordovícico é evocar materiais 490 milhões de anos mais velhos do que as gravuras de Foz Côa. Nessa altura, nem havia plantas terrestres. E o mundo dos vertebrados restringia-se a escassas formas de peixes. Parte significativa do que hoje é o território português localizava-se em latitudes “paleoantárticas”, próximas do pólo Sul.

Quem encontrou o fóssil, em Valongo, foi o célebre geólogo português Joaquim Nery Delgado (1835-1908), em honra de quem foram agora criados os novos táxones *delgadocrinus*



O fóssil lembrou aos investigadores a forma de um cálice

(família Delgadocrinidae). Delgado “tinha um exército” ao seu comando, explicou Artur Abreu Sá. Desenvolveu um intenso trabalho, que lhe vale um lugar de destaque na ciência. Descobriu este exemplar a 11 de Outubro de 1905.

Delgado descreveu o fóssil, que não se parecia com nada que conhecia, e arrumou-o nas suas gavetas, sem o baptizar. O material repousou perto de uma centena de anos nos depósitos do Museu Geológico de Lisboa – quase todo tapado por sedimentos. Há sete anos, foi redescoberto por Juan Carlos Gutiérrez-Marco.

A intuição de Gutiérrez-Marco segredava-lhe que estava perante algo completamente novo. Pediu o fóssil “empres-

tado” ao museu e levou-o para Espanha. Há cerca de dois anos, sob sua orientação, Artur Abreu Sá pegou no “bicho” e dedicou algum tempo à sua minuciosa limpeza.

O paleontólogo da Universidade de Trás-os-Montes estivera, pouco antes, a deliciar-se com os cálices desenhados por Siza Vieira para o vinho do Porto. Reconheceu semelhanças com a figura que surgia diante de si.

O estudo científico só será publicado no próximo ano – no *Journal of Paleontology*. A revista autorizou a equipa a antecipar a divulgação da descoberta por causa das comemorações dos 250 anos da Região Demarcada do Douro, que hoje se assinalam. ■